

LITERATURA INFANTOJUVENIL DE AUTORIA NEGRA: RETRATO DOS ANOS 2010-2020¹

Ana Fátima Cruz dos Santos²
Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira³

Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder.

Chimamanda Ngozi Adichie

Resumo: O presente artigo tratará sobre um recorte do aporte teórico a ser utilizado para a pesquisa de doutoramento inicialmente intitulada *O corpus* da pesquisa será composto por obras literárias escritas por autores que se autoidentificam negros (pretos/pardos) as quais foram publicadas entre os anos de 2010 a 2020 no Brasil. A principal questão da pesquisa é saber quais as práticas de letramentos respaldadas por Editoras Negras — cuja abordagem nomeamos de *Ereginga* — apresentadas por meio das diferentes linguagens (verbais e imagéticas) nas obras desse período, pois constatamos um cenário de epistemicídio das referências africanas e afro-brasileiras secular nas políticas culturais, currículos educacionais e, conseqüentemente, no Mercado Editorial brasileiro. Por objetivo central: elaborar a noção de *Ereginga* como abordagem teórico-crítica-metodológica para definir as práticas de letramento inscritas nessa

¹ Texto entregue como requisito de nota final da disciplina CCULT 199-PRÁTICAS EM LABORATÓRIOS E SEMINÁRIOS NAS/ENTRELINHAS IV lecionada pelo prof. Dr. Osmar Moreira e prof. Dr. Roberto Seidel e cursada no primeiro semestre 2020.1 entre os meses de setembro e dezembro/2020, com a turma do doutorado (Letras/Programa Crítica Cultural/UNEB).

² Educadora da rede de educação básica do município de Camaçari/BA, poeta, contista, autora de Literatura Infantojuvenil negra, CEO da editora Ereginga Educação. Doutoranda em Letras pelo Pós-crítica, Integrante dos Grupos de Pesquisa Iracy Gama (UNEB/ Pós-Crítica/Campus II) desde 2003 e NYEMBA (UNILAB/Campus Malê) desde 2016.

³ Professora do corpo docente da graduação e pós-graduação em Letras/UNEB/Campus II, pesquisadora em Literatura Infantojuvenil africana e afro-brasileira, poeta e escritora.

literatura infantojuvenil de autoria negra; enquanto objetivos específicos: I) apresentar um mapeamento bibliográfico dessas obras a partir da observância dos letramentos identificados os quais apresentam coadunação de um pensamento decolonial — epistemologias das maiorias subalternizadas (SANTOS, 2010; KILOMBA, 2019); II) distinguir conceitos de *editoras étnicas* (NASCIMENTO, 2020) e *quilombos editoriais* (OLIVEIRA, 2018); III) realizar análise textual (verbal e ilustrativa) das obras cuja temática africana e afro-brasileira apresentem personagens negras como centro da narrativa (protagonismo) sob o olhar conceitual de *literatura infantojuvenil* por Maria Anória de Oliveira (2003), assim como o significado de *autoria negra* (SANTIAGO, 2012) e *práticas de Letramento* (SOUZA, 2011; LIMA, 2015). Pretendemos alcançar um *xirê epistêmico* a partir da investigação das práticas de letramentos identificadas nas obras mapeadas as quais dignificam as identidades e culturas das crianças negras a partir da leitura/escuta.

Palavras-Chave: literatura infantojuvenil. Identidade Negra. Estudos Decoloniais. Autoria Negra. Editoras Negras.

INTRODUÇÃO

O coser literário de homens e mulheres negras brasileiras na categoria dos gêneros infantil e juvenil enquanto um construto de diferentes valores socioculturais africanos na diáspora negra. A relevância do tema está agregada à urgência em curar feridas em distintas faixas etárias e gerações causadas por estilhaços do racismo na sociedade pós-escravocrata, porém, com muitos vales de repulsa à presença da persona negra e toda a sua filosofia, história e cultura.

Uma das críticas do cenário contemporâneo na criação de histórias para crianças e adolescentes é a presença de menos fantasia e mais traços identitários condizentes com a realidade da persona em seu grupo social, comunidade, imbricados em circunstâncias que afetam sua formação pessoal, intelectual e

cidadã. Apesar de ser um aspecto que divide opiniões, tem crescido na segunda década do século XXI o número de obras que exaltam as vivências e suas reais consequências ou construções, principalmente no que diz respeito à perspectiva psicológica da trama em determinado contexto cultural. A pesquisadora Eliane Debus apresenta em seus trabalhos essa forma de retratar a vivência em obras para as crianças criadas por autores e autoras negros e negras como a Georgina Martins e o Rogério Andrade (2017, p. 79-109).

Elementos da literatura de temática afro-brasileira merecedores de destaque existentes nas obras do século XX, período de 1980-2000 (OLIVEIRA, 2003), (OLIVEIRA, 2014, p. 35-63) em relação ao protagonista criança/adolescente como: a) situada em ambiente familiar não violento; b) existência de um pai, ou mãe ou avô/avó responsável por ela; c) vestes completas e limpas; d) acesso à educação formal como escola, faculdade; e) não caricaturadas; f) respeito a uma ou mais religiosidades de matriz africana; g) associações positivas ao cabelo crespo e sua diversidade de penteados, são alguns que continuaram em narrativas publicadas no século XXI no período de 2001-2020 (OLIVEIRA, 2014, p. 35-63), (DEBUS, 2017).

DESAFIOS DA AUTORIA NEGRA NO BRASIL

Uma das atuais indagações sobre os saberes através da literatura: os contos de livros infantis e juvenis publicados na última década são validados nas suas narrativas por serem ficções ou realidades desejadas? Há um movimento desde a década de 1980, relacionado à mudança de visão sobre o mundo através da literatura que deriva de mobilizações culturais, políticas em busca de uma afro-filosofia na linguagem. Alguns autores e autoras negros no Brasil seguem o caminho de recontar as narrativas africanas, tradições, lendas relacionadas à aspectos espirituais ou

práticas étnico-culturais africanas que se assemelham a práticas culturais no Brasil.

O Movimento Negro Unificado, fundado na década de 1970, tinha como um dos emblemas o combate ao racismo por meio de uma transformação na forma de educar formalmente as crianças negras e não negras. A Educação Escolar agrega a maior parte de pessoas, crianças, jovens e adultos, em prol da emancipação dos corpos e das mentes, mesmo que instrumentos centralizadores/ditadores encontrem-se emaranhados às ações antidiscriminatórias para a formação cidadã, logo, é o setor mais estratégico para uma construção efetiva de nacionalidade ou aplicação de valores civilizatórios emancipadores.

AUTORIA FEMININA NEGRA E TRANSFORMAÇÃO DE PENSAMENTO

Uma questão levantada é pensarmos o quão escorregadio é tratar de enunciação emancipadora de mulheres negras na literatura brasileira sem refletir sobre o tema interseccionalidade, relacionando também com a produção literária para as infâncias. Na primeira instância, faz-se importante compreendermos quando a pesquisadora Carla Akotirene traz à tona a historicidade e significado do termo, explorado em décadas anteriores por intelectuais como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, enquanto uma categoria que

demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (2018, p. 54).

Conjecturemos: quais marcas dessa abordagem metodológica podem ser percebidas na literatura infantojuvenil de autoria negra feminina, logo que temos dados os quais

confirmam ser a mulher negra a sofrer o maior número de cerceamento de direitos na sociedade brasileira pós-colonização? De certo, o sentimento, perante a realidade cotidiana da mulher negra, é de subalternização recorrente por ser mulher, por ser negra (sendo preta ou de pele clara), por ser pobre ou classe de baixa remuneração — status reforçado pelos dois primeiros — e em seguida, mais outras intersecções como o pertencimento a alguma religião de matriz africana ou se identificar a algum grupo étnico-cultural que se relacione com comunidades tradicionais (quilombos, etnias indígenas, etc).

Há certos levantes que se fazem necessários diante dos ataques recentes à democracia e, logicamente, aos nossos direitos violados constantemente. O contexto em que nós pessoas negras somos mencionados em diferentes situações do cotidiano muitas vezes tem sido sinônimo de violências. As marcas da estrutura dos não negros, especificamente, os brancos racistas que insistem em deslegitimar a ciência, a filosofia, o intelecto, as artes negras em qualquer parte do mundo, corroboram para que ainda continuemos a fazer políticas de reparações, estatutos de igualdade, Projetos de Lei para nós pessoas negras termos direitos civis; termos humanidade. Relacionado a esse debate, citemos o escritor Cuti Silva:

Negros e mestiços que desejam que o racismo desapareça por um passe de mágica também utilizam o “afro”. Assim, todas as consequências funestas do racismo podem ser encobertas, ou melhor, não lembradas e, portanto, não sofridas ou ressofridas. Lembrar o sofrimento dói, lembrar que ele pode nos surpreender na próxima esquina dói mais ainda. Daí que tantos negros neguem, eles mesmos, que o racismo existe e os atinge. Acontece que, com essa falsa consciência, ficam vulneráveis. Quando acontece, são pegos desprevenidos e, portanto, terão sempre de estar elaborando um novo esforço psíquico de auto-enganação: passar ferro quente na própria consciência para alisá-la. Nesse ponto mora a grande responsabilidade da arte negro-brasileira: não permitir que o custo psíquico dessa auto-enganação prossiga

sendo tão alto. A constituição do imaginário de uma população é feita especialmente pela produção cultural (SILVA, 2010, p. 8).

Dentre as diversas artes negro-brasileiras temos a dança, o teatro, as artes plásticas e a literatura. A partir do entendimento que a literatura é uma construção discursiva a partir da vivência e/ou observação humana diante da existência, emerge das buscas por uma escrita peculiarmente identitária do ser negro em África e na diáspora africana, uma vertente de estudo no campo da Teoria Literária que é referenciada enquanto literatura negra, adjetivada por Cuti Silva (2010) como “literatura negro-brasileira”, pois é escrita por este sujeito negro, nascido no Brasil, mas ressaltando uma identidade africana e valores étnico-culturais de África e da diáspora negra em suas práticas nas terras brasileira. Pode vir a ser um espelho das realidades de famílias brasileira cujas mulheres negras passam por violações, cerceamentos e alienações justamente pelas marcas de gênero, raça, classe e religiosidade.

O conceito literatura negra exposto por Santiago (2010) apesar de mencionar legados afrobrasileiros (o que envolveria protagonistas negros e não negros), relaciona-se diretamente para aos sujeitos de pele escura, alvo direto e constante do racismo à brasileira. Logo, literatura negra é

um segmento da literatura brasileira, logo como um projeto literário, comprometido com temáticas afins aos legados afrobrasileiros, forjado por escritores/as negros/as que assim se declaram e que assim é denominado por eles/as, por estudiosos/as, leitores/as e críticos/as (SANTIAGO, 2010, p. 92).

Compreender a intervenção da interseccionalidade na vida das pessoas numa sociedade leitora aprimora o esforço de superarmos os abismos derivados dessas discriminações. E o olhar sob uma literatura escrita por quem vive os desprazeres do racismo, sexismo, intolerância às religiões de matriz africanas, homofobias e o estigma da pobreza, tem maior validade no que chama-se de *lugar de fala*, ou propriedade de pontuar vivências

que de fato foram experienciadas por esses corpos e mentes (RIBEIRO, 2019). Ou para quem está fora de uma matriz de poder, de exclusão de um sistema hegemônico. Contudo, é defendido pela profa. Dra. Ana Rita Santiago a literatura afro-feminina a qual

é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem, como se apresentam neste texto, para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, pela escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas (SANTIAGO, 2010, p. 92).

Ou seja, tal conceito está relacionado há escritoras que reivindicam o feminismo negro como uma alternativa para combater racismo, sexismo, machismo e homofobias, seja num contexto de norte-americano ou brasileiro. Por este âmbito que se localizam muitas semelhanças da estratégia analítica interseccional nas falas esboçadas pelas intelectuais bell hooks, Lélia Gonzalez e Luiza Bairos para citar algumas mulheres atuantes em discutir sobre a necessidade de um discurso que valorizasse a mulher negra sobre todas as óticas de subalternidades já vivenciadas pelas mesmas.

A análise filosófica sobre o pertencimento da persona em determinado grupo, remete-nos ao conceito de identidade que conforme Stuart Hall, é um complexo de “divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito” (2011, p. 17-18), fruto do pensamento das sociedades pós-modernas introjetadas em um mundo globalizado o qual conduz as culturas num caldeirão de possibilidade. Logo, não temos apenas uma identidade em voga, e sim, identidades. Somos

plurais. Contudo, as expressões culturais fundantes de um grupo social o relaciona a determinado pertencimento identitário, o qual consequentemente fomentará em outros grupos o desmembrar das raízes com outros formatos culturais e assim sucessivamente.

Para cada ponto de vista postulado a partir de um local de discurso, de relação de poder, lidamos com o lugar de fala que as personagens emergem no discurso oralizado nas histórias contadas pelos mais velhos aos mais novos nas dinâmicas do cotidiano e/ou texto escrito nos livros de literatura enquanto uma das diversas estratégias para eternizar a memória ancestral. Consideremos lugar de fala segundo o conceito descrito por Djamila Ribeiro (2019) após uma reflexão sobre os diversos aportes teóricos de feministas negras na diáspora africana como Grada Kilomba, Patricia Hill Collins, Luiza Bairros e Spivak: este *locus* social em que o discurso é a materialização desse lugar representativo de quem tem direito a existir, quem exerce o poder de manifestar e decidir. A isto denominamos lugar de fala.

A literatura enquanto uma das expressões da Linguagem humana (assim como a Língua) está nesta posição filosófica de Reexistência por diferentes práticas de letramento (KILOMBA, 2019; SOUZA, 2011). As histórias construindo e influenciando na formação identitária de seus leitores sob afirmações e/ou negações vocabulares, semânticas da história das populações africanas e afro-brasileiras na diáspora até a formação de modos de resistência e reexistência, a exemplo, os quilombos. E por falar em quilombos, vejamos uma nova conceituação para tal vocábulo quando o assunto é Literatura Negra.

EDITORAS NEGRAS: POR QUE FALARMOS DISSO?

O percurso para a publicação de livros (impressos, e-books, *audiobooks*) geralmente são acompanhados por uma empresa que o edita, organiza suas partes, conduz à gráfica para impressão ou distribui em pontos de venda ou acesso. Essa empresa é a

Editora, que acompanha as etapas de produção de uma obra para que o trabalho do autor ou autora aconteça e chegue às mãos dos leitores. Há possibilidade de fazer uma obra de forma independente, ou seja, sem supervisão e acompanhamento de uma editora, contudo esta condição não será levantada na pesquisa em questão.

A criação de editoras para atender o mercado de publicação de livros no cenário brasileiro pode ser definida pela proposta da equipe sobre qual temática ou estilo, ou até gênero deseja produzir. Após constatar uma lacuna de temática afro-brasileira e africana no mercado livreiro, editoras presididas por pessoas não negras começaram a lançar obras que tivessem a personagem negra, contudo, nem sempre com uma imagem positiva sobre sua autoestima, estética, relações interpessoais na trama: *Alucinado som de Tuba* (Autor: Frei Betto, Editora Ática, 2006); *O menino marrom* (Autor: Ziraldo, Editora Melhoramentos, 2012); *Xixi na cama* (Autor: Drummond Amorim, Editora Dimensão, 2006). A autoria nesses exemplos não é negra. Segundo Luiz Oliveira (2018):

por quilombos editoriais entendo um conjunto de iniciativas no campo editorial comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Essas iniciativas possuem caráter deliberadamente independente e seus autores são, preferencialmente, negros ou, em alguns casos, não negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas. O catálogo é vasto e diverso, com ênfase em ciências humanas, cultura, artes e literatura (OLIVEIRA, 2018, p. 157).

A partir de 2010, ocorre um *Boom* com nascimento de editoras, algumas dessas, editoras negras (NASCIMENTO, 2019) ou *quilombos editoriais* (OLIVEIRA, 2018), investindo em produção e veiculação de obras literárias com temática afro-brasileira por autores/as negros/as independentes, fortalecendo muitos dos interessados em fazer difundir discursos fora do eixo norte ou

tidos como “centro”. Aqueles que são clamados como cânones, quando no cerne da questão, tratavam-se de discursos conservadores, com bases eurocêntricas racistas as quais proliferavam um ciclo de extermínios à comunidade negra no Brasil: extermínio de filosofias afrocêntricas, extermínio de línguas africanas na formação do falar português brasileiro, extermínio do direito à maternidade negra, extermínio do direito à educação e por fim, à vida.

Conforme o conceito de quilombos editoriais levantado por Oliveira (2018) abranger editoras com produtores que não se autodeclararam negros (a exemplo da Editora Pallas sob a editoração de Mariana Warth e Cristina Warth), classificando-as nessa categoria devido à temática africana e afro-brasileira, temos: Tipografia Fluminense de Brito e Cia. e a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, criadas por Francisco de Paula Brito⁴; a Editora Pallas; a Mazza Edições; a Nandyala Editora; a Editora Ogum’s Toques Negros; a Editora Malê; e a Ciclo Contínuo Editorial.

O cenário de mudança nas publicações literárias infantojuvenis está relacionado também a essas reverberações políticas, afinal a Política, as Culturas, as Religiosidades, as Epistemes compõem o organismo vivo que é a sociedade e (de)forma os seres que nela se relacionam, e o período da infância e adolescência deve ser visto como um momento de formação cidadã em suas diferentes intervenções sociais.

Sobre esta maneira de encaminhar pautar políticas da comunidade negro-brasileira na rede educacional, nos programas de incentivo à cultura e promoção da leitura à população por parte das editoras lideradas por agentes editoriais autodeclarados

⁴ Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi o primeiro editor comercial do Brasil. Era um homem negro, neto de pessoas escravizadas e foi quem divulgou os talentos de Machado de Assis, contratado como revisor na sua tipografia.

negros, chamamos de *Ereginga*. A estratégia epistêmica que reúne práticas de letramentos praticadas pela autoria negra voltando o olhar às temáticas africana e afro-brasileira nas produções literárias tem uma “ginga”, um movimento para driblar obstáculos fincados pelo racismo, pela homofobia, pela intolerância religiosa aos cultos afro-brasileiros, pela secção às mulheres negras e distinções de classe social. Por referenciar e direcionar uma escrita prioritariamente às crianças, em iorubas chamados de “erês”, a *Ereginga* é a manobra epistêmica que pode-se identificar enquanto ferramenta dos quilombos editoriais no Brasil nas publicações a partir de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM BREVE DESFECHO

A existência crescente de iniciativas em fomentar um mercado editorial que auxilie autores independentes, negros e que além da dificuldade sob o crivo da discriminação racial, encontram barreiras como recursos financeiros para a autopublicação, tem a importância em promover a diversidade de pensamento e saberes sobre os grupos étnico-raciais viventes no Brasil, as múltiplas identidades negras fora do continente africano e suas intervenções culturais, além da aplicação da Lei 10.639/2003 — lei que promulga o ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras nas instituições de ensino da Educação Básica nas distintas disciplinas do currículo escolar, alterando a lei 9.394/1996 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) — através da literatura.

O estudo desta estratégia poderá explicar o movimento contemporâneo de autores e autoras negras na busca pela publicação e distribuição de suas obras, as quais declaram valores étnico-culturais e identitários afrocentrados, seja pelas vivências em África, ou nas circunstâncias existenciais afrodiaspóricas.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *O Que é Interseccionalidade*. Editora Letramento, 2018. Dados Mulheres negras. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_quilombola/mulhernegra_dados.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Cia das Letras, 2019, p. 23.
- DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez. Centro de Ciências da Educação, 2017.
- NASCIMENTO, Daniela Galdino. *O terceiro espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/2003*. 356f. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. 1984, p. 223-244.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu d Silva. Guaracira Lopes Louro. 11 ed. 1 reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. In: *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 155-170, 2018.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. 2003. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique*. Salvador: EDUNEB, 2014.
- RIBEIRA, Djamilá. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen (Feminismos Plurais), 2019.
- SANTIAGO, Ana Rita. Da literatura negra à literatura afro-feminina. In: *Revista Via Atlântica*, nº18, dezembro/2010.
- SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras*. Cruz das Almas (BA): UFRB, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/771/1/vozes%20literarias%20de%20escritoras%20negras%284%29.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SILVA, Cuti. Quem tem medo da palavra negro. In: *Revista Matriz: uma revista de arte negra*, novembro/2010, Grupo Caixa Preta: Porto Alegre, RS.

SILVA, Cuti. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo: parábola Editorial, 2011.